

2.0 delírio da cidade

“(...) de uma hora para outra, a antiga cidade desapareceu e outra surgiu como se fosse obtida por uma mutação de teatro. Havia mesmo na coisa muito de cenografia.”

(Os Bruzundangas – Lima Barreto)

Ao caminhar pela cidade do Rio de Janeiro de final do século XIX e início do século XX, o romancista Afonso Henriques de Lima Barreto por vezes tinha a sensação de não mais reconhecê-la. A *Capital irradiante*, como Nicolau Sevcenko se referiu à cidade neste período, exibia os seus novos prédios e pulsava em ritmo diferente, prenúncio das novidades que despontavam no começo do século passado e que viriam a modificar profundamente os referenciais e o cotidiano dos que nela viviam. As mudanças no regime de trabalho e na vida política, as transformações nos hábitos cotidianos e na vida cultural transformaram a vivência da população na cidade. O desenvolvimento da luz elétrica, dos veículos automotores, além dos avanços no campo da medicina, foram algumas das novidades que para os contemporâneos, pareciam acelerar o tempo de modo sem precedentes e convulsionar a cidade e seus habitantes.

“O desenvolvimento dos novos meios de comunicação, telegrafia sem fio, telefone, os meios de transporte movidos a derivados de petróleo, a aviação, a imprensa ilustrada, a indústria fonográfica, o rádio e o cinema intensificarão esse papel da capital da República, tornando-a (...) caixa de ressonância das grandes transformações em marcha pelo mundo, assim como no palco de sua visibilidade e atuação no território brasileiro.”¹

As vitrines das lojas da rua do Ouvidor cristalizavam as mudanças que aconteciam diante dos olhos incrédulos de muitos homens e mulheres que viviam na cidade na virada do século e através de uma intensa publicidade, veiculada pelas revistas da época, estimulavam o consumo de objetos, que se tornavam

¹ Nicolau SEVCENKO: A Capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: Fernando A. NOVAIS (coordenador geral da coleção): *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. P.522.

símbolos do moderno. Nas páginas destes almanaques, os anúncios relacionados à saúde, à beleza e à limpeza eram predominantes e a propaganda era realizada através de belos desenhos, charges e fotografias que instigavam ainda mais o consumo. Pomadas, cremes, sabonetes, elixires, pós, loções eram, sem dúvida, os produtos mais anunciados e acabavam por transformar a propaganda em negócio bastante lucrativo, pois os anunciantes, com seu patrocínio, colaboravam para a manutenção das publicações.

As revistas ajudavam, ainda, a reiterar a idéia de construção de um corpo saudável e de formas esbeltas, mesmo que o discurso encontrasse uma população, cuja maioria, não tinha acesso aos produtos anunciados e vivia numa condição miserável. A enxurrada de propagandas que exaltavam a beleza e a técnica, reforçavam os ideais de um projeto de saneamento e disciplinarização de comportamentos e atitudes na cidade carioca. Era proibido, seguindo determinação do prefeito Pereira Passos,

*“a venda ambulante de alimentos, o ato de cuspir no chão dos bondes, o comércio de leites onde as vacas eram levadas de porta em porta, a criação de porcos dentro dos limites urbanos, a exposição da carne na porta dos açougues, a perambulação de cães vadios (...)”*²

Além da preocupação com a higiene e a manutenção de um corpo sadio, sinônimo de beleza e de saúde, a aparência e o cuidado estético também recebiam destaque por parte da população. É possível perceber a atenção com o vestuário, expresso nos vestidos e chapéus das senhoras e nos ternos daqueles que circulavam no centro da cidade do Rio de Janeiro. Os passeios pelas ruas da Capital exigiam os trajes mais elegantes, mesmo de quem muitas vezes, possuía somente algumas camisas surradas. As casas de tecidos finos eram procuradas pelas damas e cavalheiros que se inspiravam na moda francesa para confeccionar seu guarda-roupa.

Outros produtos também recebiam destaque nas páginas das revistas da época, como aqueles relacionados à técnica, que buscavam emprestar um caráter mais dinâmico e mais veloz ao cotidiano das pessoas que presenciaram a virada

² Jeffrey D. NEEDELL: *Belle époque tropical: Sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. P.57.

daquele século, em pleno alvoroço de tantas mudanças. Instrumentos como o fonógrafo e a máquina de escrever, que além de indicar a inserção cada vez maior da técnica na vida das pessoas, captavam antes sons e letras do louco processo de transformação da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. A vida urbana parecia endoidecer e revirava os costumes dos habitantes que arrastados por esse turbilhão de novidades e sensações experimentavam o desatino dos primeiros anos de um novo século.

2.1. A cidade eufórica e a literatura do *Ingênuo**

O escritor Lima Barreto, conhecido pelas críticas que realizou ao regime republicano e às mudanças ocorridas com maior intensidade na virada do século XIX para o XX, não era insensível aos encantos das novidades do tempo e do ar europeu que, alguns de seus espaços adquiriam.

Em 1905, em um dos passeios que costumava dar pelas ruas do centro, reconheceu o fascínio que a rua do Ouvidor causava nos que circulavam pela via pública,

“(...) fui à rua do Ouvidor; como estava bonita, semi-agitada! Era como um boulevard de Paris visto em fotografia.”³

Os modismos, muitas vezes despertavam também os comentários irônicos do escritor que ao descrever os detalhes da moda feminina da época, distinguia os hábitos e comportamentos europeus introduzidos no dia-a-dia da cidade e questionava a incorporação desses valores pela camada mais privilegiada da população.

“Há (...) histórias extraordinárias nessa matéria de vestuário feminino. Algumas senhoras decotam-se abundantemente para passear na Rua do Ouvidor e na avenida. Os dias agora são frios e úmidos; e elas, por precaução, trazem um cobertor de peles.

* Um dos pseudônimos atribuídos a Lima Barreto, segundo Carlos Drummond de Andrade. FRANCISCO DE ASSIS BARBOSA: *A vida de Lima Barreto (1881-1922)*. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: INL, 1981. P.278.

³ Afonso Henriques de LIMA BARRETO: *Diário Íntimo*. In: Afonso Henriques de LIMA BARRETO: *Lima Barreto: prosa seleta*. Organização Elaine Vasconcellos. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2001. P.1256.

(...) Não seria melhor que elas não se decotassem e deixassem em casa o sobretudo de peles?”⁴

As muitas crônicas que compôs têm como ponto central o ambiente da Capital Federal em relação às reformas urbanas e às medidas defendidas pelas autoridades sanitárias no que diz respeito aos comportamentos dos moradores da cidade. A análise deste material, publicado em revistas e jornais como *A Notícia*, *Careta*, *A.B.C.*, *O País*, pode ajudar a compreender a reação que alguns grupos da sociedade tiveram diante do novo, que se impunha com o avanço científico-tecnológico, além de fornecer pistas sobre a forma pela qual tais avanços influenciaram de maneira extraordinária a sensibilidade dos habitantes da Capital.

Os textos jornalísticos podem proporcionar a compreensão, na perspectiva assinalada por Sevcenko, da relação imediata que estes testemunhos estabelecem entre os novos recursos técnicos e as grandes metrópoles, “*Dai a peculiar valia da ficção como fonte documental nessa linha de análise.*”⁵ Na crônica sobre os casacos de pele extemporâneos, em especial, o escritor discorre sobre alguns dos novos costumes ligados ao vestuário feminino que indicam antes a incorporação de hábitos extraídos do meio social europeu ou norte-americano, já que havia a preocupação por parte dos grupos dominantes em assimilar modas e modelos destas sociedades. A justificativa da época para a necessidade da reforma da cidade e dos costumes e sua relação com as nações estrangeiras parecia indicar que

“Somente oferecendo ao mundo uma imagem de plena credibilidade era possível drenar para o Brasil uma parcela proporcional da fartura, conforto e prosperidade em que já chafurdava o mundo civilizado.”⁶

A Capital deveria funcionar como uma vitrine em que estivesse exposto para os estrangeiros e para o país como um todo o ideal de progresso e civilização

⁴ Afonso Henriques de LIMA BARRETO: *Vida urbana*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956. P.235.

⁵ Nicolau SEVCENKO: Op. Cit. 1998. P. 521.

⁶ Nicolau SEVCENKO: *Literatura como missão: tensões sociais e criação na Primeira República*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995. P.29

calcado nas propostas européias⁷ e ditaria o modo de vida e os sistemas de valores estabelecidos com a modernização, além de sugerir como tais aspectos articulavam-se com a experiência íntima dos indivíduos que viviam na cidade.

Alguns cronistas tornaram-se porta-vozes das transformações que aconteciam no Rio de Janeiro e com isso tiveram um importante papel pedagógico, fixando, na escrita leve e palatável da crônica, o impacto das reformas. A pauta das principais revistas girava em torno dos acontecimentos da cidade estimulados e produzidos pela velocidade com que, não só as inovações alcançavam a vida da Capital Federal, mas também com as notícias das grandes metrópoles estrangeiras. Lima Barreto, em crônica publicada na *Careta*, confirma a assiduidade com que esses temas freqüentavam as colunas dos jornais

*“Não se abre um jornal, uma revista, um magazine atualmente, que não topemos logo com propostas de deslumbrantes e custosos melhoramentos e obras.”*⁸

Apesar do encantamento que as modificações do meio urbano causaram na intelectualidade carioca, o romancista via com certa desconfiança o discurso impregnado pela necessidade de modernização da cidade e preferiu narrar as cores fortes do cotidiano pelo viés da experiência pessoal. O escritor não escondia uma das intenções que pretendia alcançar com o ofício literário, *“Eu não me canso nunca de protestar. Minha vida há de ser um protesto eterno contras as injustiças”*⁹. Lima Barreto percebia a falta de planejamento e a injustiça que atingiam os bairros e a gente mais pobre da cidade, o que realçava o descontentamento que o romancista alimentava em relação à República, a qual atribuía por vezes a origem de todos os infortúnios que assolavam a nação.

No entanto, para alguns intelectuais da virada do século XIX para o século XX, tais como Olavo Bilac, grande propagador das mudanças efetuadas pelo governo republicano, o alcance do tão sonhado progresso estava prestes a ser realizado e era concedida à cidade do Rio de Janeiro a oportunidade de mostrar a capacidade desse país tropical em modernizar-se. Muitos dos colaboradores dos

⁷ Margarida de Souza NEVES: Brasil acertai vossos ponteiros. In: Museu de Astronomia e Ciências Afins. *Brasil, acertai vossos ponteiros*. Rio de Janeiro: MAST, 1991.

⁸ Afonso Henriques de LIMA BARRETO: Coisas do Reino do Jambom. In: _____: *Lima Barreto: prosa seleta*. Organização de Eliane Vasconcelos. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2001. P.923.

jornais de então podem ser identificados como propagandistas das transformações idealizadas pelo poder público e ressaltavam, nas crônicas, a importância das inovações preconizadas pelo progresso.

Bilac compartilhava a idéia de que as reformas eram inevitáveis e até mesmo fundamentais para modernizar o espaço urbano. Não era possível que o grande centro exportador de café, a mais populosa das cidades brasileiras, o grande centro financeiro do país e a capital cultural da república continuasse com a velha fisionomia de cidade colonial, pois devia mostrar-se aos que nela viviam, ao país como um todo e ao mundo, como cidade moderna. Isto explica a posição mais comum entre os intelectuais, segundo a qual tantas reformas só poderiam trazer um futuro melhor, não só para o Rio de Janeiro, como para todo o Brasil. A associação entre a cidade do Rio e as capitais européias, no entanto, não deve tomar a Capital da República como uma mera cópia das metrópoles de origem estrangeira, ainda que o projeto de modernização e reorganização da cidade tenha obedecido a um traço homogeneizador que pretendia modificar comportamentos e hábitos de seus moradores.

Na verdade, apoiar a reforma significava para grande parte dos cronistas “*um dever cívico. Com ela, os homens perderiam o olhar pesado do passado e passariam a olhar o futuro com confiança.*”¹⁰ O escritor Olavo Bilac destacava-se dentre os que divulgavam o projeto modernizador imposto pelas regras dos reformadores da cidade e sua contribuição literária ajudou a construir a concepção de que o Rio de Janeiro devia ser a cidade do futuro. A posição deste poeta, que abraçou as causas republicana e abolicionista do final do século XIX, diante das medidas de remodelação urbana contrastava em muito com as opiniões do escritor Lima Barreto. Nas crônicas que Bilac escreveu nas revistas e jornais da época, procurou enaltecer o progresso através de um discurso afinado com a causa republicana, no qual o escritor poucas referências fazia às camadas mais populares da sociedade. A sua escrita era enaltecedora do novo e do progresso e colidia com a posição do autor de *Os Bruzundangas*. Convém lembrar que Lima Barreto era um questionador da forma assumida pelas mudanças em curso, percebendo com

⁹ Afonso Henriques de LIMA BARRETO: Op. Cit. 1956. P.140.

acuidade seu caráter meramente exterior, de fachada, o que aumentava a distância entre os dois intelectuais. Lima não se cansava de afirmar:

“nos preocupamos muito com os aspectos externos, com as fachadas, e não com o que há de essencial nos problemas da nossa vida urbana, econômica, financeira e social.”¹¹

Porém, o plano de modernização contava com o apoio da grande maioria de jornalistas e cronistas que junto com os arquitetos, os engenheiros, as autoridades médicas, policiais e governamentais traçavam a nova fisionomia da cidade. Por estabelecer uma proximidade essencial com o dia-a-dia, a crônica constituiu-se em um dos elementos importantes, utilizados pelos que possuíam as letras como ofício, para a construção da cidade simbólica.¹² Ao iluminar detalhes da vida cotidiana, esses letrados deixavam transparecer os anseios desta sociedade carioca diante do novo e imprimem, muitas vezes, opiniões e comentários diferentes em relação às loucuras do projeto modernizador, como o faziam Lima Barreto e Bilac. Esses homens das letras acabam por abdicar “(...) de assumir como tarefa primordial o registro pretensamente objetivo do acontecido para abrir espaço ao comentário pessoal, ao olhar subjetivo, à busca do significado do efêmero e do fragmentário (...).”¹³

Aqui cabe destacar, que o *comentário pessoal* de Lima Barreto e sua apreensão da realidade carioca orientou-se pela perspectiva do derrotado¹⁴, na contramão dos discursos contaminados pelo otimismo do progresso.

Lima era assíduo colaborador da imprensa carioca e, fosse na crônica ou romance, a escolha do enfoque do escritor era guiada pelo inconformismo diante do arrivismo, dos preconceitos sociais e raciais, como fez tanto em *Clara dos Anjos* como em *Policarpo Quaresma* e até mesmo no livro que escreveu durante os dias que residiu como interno no antigo Hospício de Pedro II. Este último livro, *O cemitério dos vivos*, tem como ponto central da narrativa o sistema de

¹⁰ Marcia Cezar DIOGO: *O Rio em Revista: A reforma Pereira Passos nas crônicas da Revista da Semana, d'O Malho e da Kosmos*. Mestrado, Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1980. P.89.

¹¹ Afonso Henriques de LIMA BARRETO: Op. Cit. 1956. P.77.

¹² Marcia Cezar DIOGO: Op. Cit. 1980. P.53.

¹³ Margarida de Souza NEVES: História da crônica. Crônica da história. In: Beatriz RESENDE (org). *Cronistas do Rio*. Rio de Janeiro: José Olympio: CCB, 1995. P.17.

¹⁴ Nicolau SEVCENKO: Op. Cit. 1995. P.193.

tratamento destinado àqueles considerados loucos pela medicina do início do século XX e, apesar de não ter conseguido terminar este romance, o escritor deixou fragmentos importantes que apontam para o exercício do poder dentro do próprio asilo e a tensão nas relações entre médicos e pacientes, bem como as deficiências das práticas psiquiátricas terapêuticas.

A denúncia das mazelas do regime republicano se estenderia também para o interior dos muros do Hospício Nacional de Alienados e indicaria as permanências e continuidades do novo regime em relação ao sistema de tratamento dos doentes ali internados. As reformas tanto no âmbito da cidade quanto no espaço manicomial, mesmo com a atenção dispensada por parte dos governos republicanos no que diz respeito ao cuidado dos alienados, ainda assim, não fizeram com que o asilo escapasse da imagem desoladora da miséria e do abandono humano.

É fácil perceber a ligação entre as cenas descritas em *O Cemitério dos vivos* e a experiência do romancista: elas fornecem a posição do intelectual diante dos sofrimentos daqueles que eram internados como loucos no hospício. É importante analisar a obra de Lima Barreto como fruto tanto da iniciativa individual, quanto das condições sociais ambas presentes e indissociáveis na produção literária. Lima é criador-personagem das próprias histórias que narrou e muitos de seus textos parecem tratar das decepções e amarguras que viveu. Assim como o Leonardo Flores de *Clara dos Anjos*, poeta que devido ao álcool e desgostos íntimos não era mais que *uma ruína de homem*, e afirmava, “(...) abandonei todas as honrarias da vida, unicamente para não desviar dos meus propósitos artísticos(...)”¹⁵, também o escritor declarava ter abandonado tudo, “(...)tudo, por essas coisas de letras”¹⁶. A leitura de suas obras e em especial do diário do hospício pode, portanto, iluminar o restante de sua produção literária e acaba por trazer à tona um dos mais fortes depoimentos sobre a vesânia, produzindo o que Beatriz Resende denominou de *crônica da loucura*.¹⁷

¹⁵ Afonso Henriques de LIMA BARRETO: Clara dos Anjos. In: _____: Op. Cit. 2001. P.705.

¹⁶ Afonso Henriques de LIMA BARRETO: *Impressões de Leitura*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956. P.10.

¹⁷ Beatriz RESENDE: *Lima Barreto e o Rio de Janeiro em fragmentos*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Editora Unicamp, 1993. P. 174.

A identificação de referências da vida pessoal do autor com as impressões que dizem respeito à loucura apontam, como ficção e história relacionam-se, como um “*movimento dialético que engloba a arte e a sociedade num vasto sistema solidário de influências recíprocas*”¹⁸. E é preciso atenção para a pretensa transparência imediata da realidade na ficção e na obra de arte, pois “(...) *os objetivos da obra literária estão longe de ser estes. Em lugar de retratar o real, o que ela busca é transfigurá-lo*”¹⁹ assim, as especificidades tanto do discurso histórico, quanto do discurso ficcional não podem ser negligenciadas, como indicou Velloso. A utilização da fonte literária como fonte de investigação histórica propõe

“(...) *historicizar a obra literária – seja ela conto, crônica, poesia ou romance -, inseri-la no movimento da sociedade, investigar as suas redes de interlocução social, destrinchar não a sua suposta autonomia em relação à sociedade, mas sim a forma como constrói ou representa a sua relação com a realidade social – algo que faz mesmo ao negar fazê-lo. Para historiadores a literatura é, enfim, testemunho histórico.*”²⁰

As crônicas, a escrita memorialística, os romances produzidos pelo escritor permitem a ampliação das fronteiras de investigação da história e ajudam na compreensão do ambiente intelectual da época, além de apontar de que forma as referências que os literatos fizeram à cidade da *Belle Époque* constituem-se como páginas importantes para a identificação do modo com que a sociedade apreendeu as mudanças impulsionadas pelo avanço científico.

Um dos pontos principais divulgados pela imprensa da época era a constatação de que estava em andamento um processo de transformações da metrópole, e que impunha, tanto uma nova forma, quanto uma nova significação da vida urbana na cidade do Rio de Janeiro. É provável que isto explique a regularidade com que os temas sobre as transformações na cidade apareciam tanto nas revistas, quanto nos jornais, como o próprio Lima Barreto mencionou. O

¹⁸ ANTONIO CANDIDO: *Literatura e sociedade*. São Paulo: Editora Nacional, 1980. P.22.

¹⁹ Mônica Pimenta VELLOSO: A literatura como espelho da Nação. *Revista Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, volume 1, nº2, 1998. P.241.

²⁰ Sidney CHALHOUB e Leonardo Affonso de Miranda PEREIRA: *A História contada: capítulos de história social da literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998. P.07.

processo de metamorfose da cidade parecia, no entanto, ser visto pelo escritor como o desatino de engenheiros e médicos que com o aval das autoridades governamentais pretendiam concluir a todo custo as reformas na via urbana. Lima chamava atenção para o modo como este sonho da civilização acontecia, com o atropelo dos interesses da parcela mais pobre da população carioca, num progresso de fachada que não conduziria, portanto, “*a experiência dos homens a uma nova ética social, de caráter universalista.*”²¹

2.2. O cenário se transformava...

“*A rua está outra, não a reconheci bem.*”

(Lima Barreto, Diário Íntimo)

Aos poucos a cidade adquiria um outro contorno, delineado pelo trabalho livre, pela luz elétrica, pelos automóveis que enchiam a via pública com o som das buzinas e dos motores barulhentos, que espalhavam fumaça e curiosidade por onde atravessassem. De repente tudo parecia mudar, como evidenciou Margarida de Souza Neves

“*Por toda a parte, as novas invenções apareciam, novas situações desafiavam a imaginação, novas idéias fervilhavam, novas personagens se apresentavam nas lutas políticas, novos problemas exigiam soluções também novas.*”²²

Capital da República, a cidade do Rio de Janeiro reunia as expectativas do modelo daquilo que então era considerado uma sociedade civilizada, e que implicava na definição de comportamentos condizentes com este estatuto. Dentro deste quadro era necessário eliminar os empecilhos que dificultavam que tal projeto se concretizasse. A reforma urbana conseguiu reunir indivíduos com formações diferentes que, juntos, buscavam a realização de uma mudança estrutural na cidade. Engenheiros, como Paulo de Frontin, sanitaristas, como

²¹ Maria Alice Rezende de CARVALHO: *Quatro vezes cidade*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1994. P.41.

²² Margarida de Souza NEVES e Alda HEIZER: *A ordem é o progresso; o Brasil de 1870 a 1910*. São Paulo: Atual, 1991. P.58.

Oswaldo Cruz, psiquiatras e autoridades policiais caminhavam lado a lado e perseguiram o ideal de ordem e modernização que deveria ser alcançado, de acordo com os padrões dos primeiros anos republicanos. Era, ainda de acordo com estes indivíduos, a oportunidade da Capital Federal se igualar aos grandes centros como Paris e Viena, referenciais de modernização e progresso da época.

No discurso dos homens que detinham o poder na sociedade de início do século XX, o Brasil de população pobre e negra aparecia como marca de nosso passado colonial e como ameaça de fracasso para a nação. É o que destaca Jaime Benchimol:

“Trava-se uma luta entre dois grandes ‘campos’ ou princípios: o progresso, a civilização, a regeneração estética e sanitária da cidade; a cidade colonial, atrasada, anti-estética, suja e doente.”²³

A cidade do Rio de Janeiro deveria, segundo o discurso dos que faziam parte do governo republicano da época, romper com o que lembrasse a cidade colonial e com tudo que a representava. Este período era encarado como o momento em que cabia à metrópole carioca representar para o restante do país e também para o exterior o esforço empregado pelo governo em transformar o Brasil em uma nação civilizada. Na qualidade de cidade capital, o Rio de Janeiro exercia a *“função de microcosmo do país.”*²⁴

A cidade crescia embalada pelo ritmo frenético das novas invenções, dos operários que (re)construíam o espaço urbano coordenados por engenheiros e médicos que buscavam, em nome de um projeto civilizador, aproximar a cidade de São Sebastião aos costumes e personagens da cultura européia do início do século XX. Havia um pouco de teatro em todas essas mudanças, como alertou Lima Barreto, alguma coisa de *cenário* que deixava entrever, com a profusão de novos acontecimentos, uma louca transformação do cotidiano da Capital.

É bem verdade que as mudanças urbanas ocorridas no período Rodrigues Alves e tão discutidas pela historiografia, teriam começado antes mesmo de seu

²³ Jaime Larry BENCHIMOL: *Perreira Passos: um Haussmann tropical: A renovação urbana da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1992. P.205

²⁴ Sobre o conceito de capitalidade do Rio de Janeiro cfr. Margarida de Souza NEVES: Op. Cit. 1991. P.56.

governo e também se prolongaram após a sua saída da administração pública. Desde a chegada da família real, que o Rio de Janeiro apresentava modificações no que diz respeito à organização do espaço urbano.

“(...) é preciso dizer que há muito se pensava na reforma da cidade. Bem antes da proclamação da República, em 1882, o engenheiro Paulo José Pereira retoma a idéia que já estava presente desde o tempo em que a cidade ficara pequena com a vinda da corte portuguesa, em 1808, e apresenta ao Parlamento um projeto de reurbanização (...).”²⁵

Com a administração de Alves, no entanto, as transformações se intensificariam e despertariam sentimentos e percepções diferenciadas para cada um daqueles que atravessavam as ruas da antiga Capital. As modificações não só na organização espacial da urbe, mas sobretudo nas relações de reconhecimento e identidade deste espaço podem ser associadas ao que o escritor João do Rio indicou como a vertigem dos novos tempos. Para os indivíduos que passavam e passeavam por suas ruas, o confronto com o novo era uma constante e evidenciava uma experiência histórica de arrasamento tanto da cidade, quanto de suas memórias. A cidade que parecia enlouquecer frente às mudanças e ao desejo de tornar-se moderna conservava, no entanto, sob a aparência do novo, suas permanências e continuidades históricas.

O plano para higienizar a cidade, justificado pelo discurso do progresso, encobria uma preocupação com a ordem e com a disciplinarização dos indivíduos no espaço urbano. Essa preocupação estendia-se também aos locais de moradia da gente pobre da cidade que, em situação de miséria procurava os cortiços para morar. Essas construções tornaram-se a saída encontrada por essa população para tentar solucionar o problema de moradia relacionado ao aumento populacional. Entre 1850 e 1900 o número de habitantes passaria de 522.651 para 691.565²⁶, demonstrando um crescimento surpreendente. A composição do cenário da cidade tornava-se diferente e a movimentação dessa população, pelas ruas

²⁵ Margarida de Souza NEVES e Alda HEIZER: Op. Cit. 1991. P.56.

²⁶ José Murilo de CARVALHO: *Os Bestializados. O Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. P.52.

alvorçadas em busca de empregos e moradia, determinava “*um deslocamento contínuo que fundia vivências, experiências, tensões – e espaços.*”²⁷

Nas construções populares uma parte da população espremia-se e convivia com toda a sorte de doenças, o que aumentava as taxas de mortalidade nas casas de cômodos e as transformavam em alvo prioritário das autoridades sanitárias. O episódio de demolição do *Cabeça de Porco*, um dos maiores cortiços do Rio de Janeiro, deixa transparecer a forma como a situação foi tratada pelas autoridades competentes. Na ocasião, estavam presentes o Chefe de Polícia e o prefeito Barata Ribeiro, que assumiu o comando da ação para demolir a construção situada na rua Barão de São Félix, nº154. No livro *Cidade Febril*, Sidney Chalhoub demonstrou bem o drama das famílias que lá moravam,

*“(...) Várias famílias se recusavam a sair, se retirando quando os escombros começavam a chover sobre suas cabeças. Mulheres e homens que saíam daqueles quartos ‘estritos e infectos’ iam às autoridades implorar que ‘os deixassem permanecer ali mais 24 horas’. Os apelos foram inúteis (...). Na manhã seguinte, já não mais existia a célebre estalagem Cabeça de Porco.”*²⁸

A situação precária das pessoas que viviam nestas estalagens, também foi um dos pontos que recebeu destaque na escrita de Lima Barreto. No livro *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, um dos personagens menciona o quadro de miséria e privações em que os moradores destas habitações viviam. Atento ao movimento das mudanças impostas pelas medidas republicanas, Lima Barreto centrou seu universo temático nas práticas de coerção e discriminação social, por isso a inclusão do problema das moradias populares na escrita ficcional do autor.

“Ficava a casa (...) a cavaleiro da rua Malvino Reis e, atualmente, os dois andares do antigo palacete que ela fora, estavam divididos em duas ou três dezenas de quartos, onde moravam mais de cinquenta pessoas. (...) Num cômodo (...) moravam às vezes famílias inteiras e eu tive ali ocasião de

²⁷ Paulo César Garcez MARINS: *Habitação e vizinhança: limites da privacidade no surgimento das metrópoles brasileiras*. In: Fernando A. NOVAIS (coordenador geral da coleção): *História da Vida Privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. Volume 3, p.132.

²⁸ Sidney CHALHOUB: *Cidade Febril: cortiços e epidemias na Corte Imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. P.17.

observar de que maneira forte a miséria prende solidamente os homens.”²⁹

Para o escritor era inadmissível que as autoridades públicas, sob a justificativa de alcançar o progresso e a civilização, negligenciasse aqueles menos favorecidos. Por meio da literatura, tentou chamar a atenção para a discrepância que ocorria entre as medidas tomadas em nome do progresso e a situação na qual encontravam-se justamente aqueles que trabalhavam para sustentá-lo. Os comentários e críticas mordazes que fez sobre os homens públicos e a administração republicana indicavam sua insatisfação com o governo, pois o julgava insensível perante as necessidades da população mais pobre. Diante das medidas médicas, cuja pretensão era sanear a cidade, o escritor denunciava as arbitrariedades e injustiças cometidas em relação a essa população e em uma de suas crônicas atacou um dos símbolos da política sanitária do governo da República o doutor Carlos Chagas. Para Lima, em artigo publicado na época, “*O que há em Sua Excelência, é o que há em todos de sua categoria: Sua Excelência nunca conheceu necessidades e afere a vida dos outros pela sua feliz e rica.*”³⁰

As moradias populares, conhecidas como cortiços eram, portanto, identificadas como símbolos da desordem, da falta de higiene e da promiscuidade, segundo boa parte dos engenheiros e sanitaristas da época e, ainda de acordo com as autoridades públicas, ameaçavam a saúde da população. Acabar com os cortiços significava lutar contra as moléstias que assolavam parte dos habitantes que neles viviam, era extirpar da urbe os vestígios da antiga cidade colonial.

Picaretas e enxadas comporiam a orquestra de destruição dessas moradias e contribuiriam para o clima de grande canteiro de obras no qual havia se transformado a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. A alucinação provocada pelo ritmo das reformas da via urbana e a construção de novos prédios que passavam a constituir um cenário bem mais luxuoso, fazia com que os personagens indesejados fossem obrigados a se retirarem de cena. Era a insensatez de um projeto que o próprio Lima Barreto apontou como louco, em

²⁹ Afonso Henriques de LIMA BARRETO: Recordações do Escrivão Isaías Caminha. In: _____: Op. Cit. 2001. P.219.

³⁰ Afonso Henriques de LIMA BARRETO: Coisas do Reino do Jambom. In: _____: Op. Cit.: 2001. P.935.

crônica publicada na revista *Careta* e que manifestava a sensibilidade do escritor diante das modificações que ocorreram na fisionomia da cidade,

*“O mundo passa por tão profunda crise, e de tão variados aspectos, que só um cego não vê o que há nesses projetos de loucura, desafiando a miséria geral.”*³¹

A construção da Avenida Central e o embelezamento das ruas do Rio antigo levaria à expulsão daqueles que moravam nas casas de cômodos para os subúrbios, que era o “*refúgio dos infelizes*”³², como afirmou Lima Barreto em *Clara dos Anjos*. A abertura da avenida constituiu-se na grande expressão dos melhoramentos sugeridos pela prefeitura naquela época e que foram projetados com a “*(...) intenção de transformar a velha, suja e pestilenta cidade colonial portuguesa numa metrópole moderna e cosmopolita.*”³³ Esta mudança também foi responsável por outra transformação na paisagem do Rio de Janeiro, porém menos atraente e glamourosa que aquela que os indivíduos podiam assistir no palco do dia-a-dia da cidade e ocorreu com a ocupação desordenada e sem planejamento dos morros e arrebaldes da cidade, determinando o abandono destas regiões que cresceram sem infra-estrutura.

Assim como o projeto da psiquiatria para cuidar daqueles considerados alienados pela medicina da época, a opção dos homens de governo, para sanear a metrópole e emprestar-lhe um ar civilizado como tanto desejavam, seria trilhar o caminho da exclusão. Tanto o subúrbio, quanto o hospício apareceriam como alternativas para a retirada dos indesejáveis, loucos, miseráveis, mendigos, prostitutas e ambulantes do convívio urbano. Aos dirigentes do regime que se instalava cabia “*livrar a cidade de convívios promíscuos e desestabilizadores da saúde pública.*”³⁴

³¹ Afonso Henriques de LIMA BARRETO: Megalomania. In: _____: Op. Cit. 2001.P.923.

³² “*O subúrbio é o refúgio dos infelizes. Os que perderam o emprego, as fortunas; os que faliram nos negócios, enfim, todos os que perderam a sua situação normal vão se aninhar lá.*” Afonso Henriques de LIMA BARRETO: *Clara dos Anjos*. In: _____: Op. Cit. 2001. P.50.

³³ Jaime Larry BENCHIMOL: Op. Cit. 1992. P.227.

³⁴ Paulo César Garcez MARINS: *Habitação e vizinhança: limites da privacidade no surgimento das metrópoles brasileiras*. In: Fernando A. NOVAIS (coordenador geral da coleção): Op. Cit. 1998. Volume 3, p.140.

A paixão que Lima Barreto possuía pela cidade, afinal era ela uma de suas fontes de inspiração e fornecedora de matéria-prima para a literatura que produzia, parecia impulsionar o romancista a escrever sobre as transformações que aconteciam ao seu redor. Os passeios que costumava fazer, fossem pelo Leme, pelas ruas do centro ou pelo subúrbio, alimentaram muitos romances e crônicas que escreveu. As caminhadas eram o recurso utilizado também para fugir da catástrofe que era a sua casa, com os delírios constantes de seu pai João Henriques.

Através das andanças a pé ou de bonde, encontrou amigos, vivenciou preconceitos, apreciou a *mutação* do Rio de Janeiro e guardou na lembrança velhas ruas e novas situações que tomavam conta da cidade. Nos escritos do romancista há a possibilidade de imprimir aos registros históricos, os riscos, os desvios, as incertezas e fracassos dos destinos individuais, além de permitir a identificação de elementos do senso comum dos homens e mulheres que viviam na cidade no período inicial da República.

A fama de andarilho do escritor era conhecida e o conduzia a longas caminhadas, como afirmou Luís da Câmara Cascudo em artigo publicado no *Diário de Notícias*. Cascudo, certa vez, aceitou o convite de Lima Barreto para acompanhá-lo numa caminhada, que começava na Avenida Rio Branco e se estenderia até à Gávea. Após terem chegado à Gávea, Lima Barreto insistia em continuar caminhando, Cascudo exausto abandonou o companheiro e descreveu o episódio,

*“Aí, com várias explicações deixei-o. Voltei furioso e molhado (de suor). Lima Barreto continuou, pensando, ruminando, abstraído, insensível à distância. Só se deteve, disse-me depois, na Tijuca.”*³⁵

Através de suas idas e vindas, contemplava os movimentos e costumes da população carioca na virada do século XIX para o século XX. O autor de romances como *O Triste Fim de Policarpo Quaresma* e *Clara dos Anjos*, afirmava ser a literatura um dos motivos e uma das inspirações das andanças que fazia pela cidade. As peregrinações estimuladas pela literatura o fizeram “*sonhar*

³⁵ APUD Francisco de Assis BARBOSA: *A vida de Lima Barreto (1881-1922)*. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: INL, 1981. P. 307.

e desejar saber e deixou-me na alma não sei que vontade de andar, de correr aventuras.”³⁶

Os passeios pelo subúrbio e pelas ruas da cidade encheram de cores vivas os relatos que realizou sobre as transformações ocorridas nestes tempos de crescimento acelerado e a *mutação de teatro*, por ele mencionada, relacionava-se com os novos recursos técnicos e a reação da sociedade diante das novidades. Com a remodelação do Rio de Janeiro na *Belle Époque* havia também uma alteração no conjunto de experiências de seus habitantes, que muitas vezes resistiam aos ventos da mudança e mantinham na memória uma cidade que cada vez mais deixava de existir.

Alguns textos literários sobre o meio urbano, dentre os quais destacam-se *Vida e Morte de Gonzaga de Sá*, do próprio Lima Barreto, fazem emergir o caráter nostálgico sobre uma cidade que não pode existir mais, na qual as vivências passadas tornam-se difíceis de serem reconstruídas³⁷. As novas tecnologias possuíam aspectos que por si só, desnor-teavam o dia-a-dia da população e por suas próprias características, “*desorientam, intimidam, perturbam, confundem, distorcem, alucinam.*”³⁸

A metamorfose pela qual a cidade atravessava, mencionada ironicamente por Lima Barreto como uma *mutação de teatro* indicava como as referências da cidade alteravam-se com rapidez e exigiam com que as referências dos indivíduos na própria cidade se reconstruíssem. A confusão causada pelas mudanças, mais parecia ser coisa de cenografia, tais como as que ocorrem no teatro, onde cenários mudam de acordo com as necessidades do espetáculo.

O arrasamento da cidade apontava, segundo Lima Barreto, para a implementação de uma nova metrópole, que aos poucos deixava de corresponder àquele Rio de Janeiro no qual o romancista costumava dar seus passeios.

“A rua está outra não a reconheci bem. Se os prédios fossem mais altos, eu me acreditaria em outra cidade. (...) acredito que o Rio, (...) o meu Rio

³⁶ Afonso Henriques de LIMA BARRETO: *Diário do hospício; o cemitério dos vivos*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de editoração, 1993. P.66.

³⁷ Renato Cordeiro GOMES: *Todas as cidades, a cidade literatura e experiência urbana*. Doutorado, Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 1993. P.222.

³⁸ Nicolau SEVCENKO: Op. Cit. 1998. P. 516.

*vai perder, se não lhe vier em troca um grande surto industrial e comercial; com ruas largas (...) e será uma aldeia pretensiosa (...).*³⁹

A capital esburacada, de difícil trânsito que derrubava morros e parecia mergulhar num caos urbano começava a revelar uma diferente cenografia, até então desconhecida para os habitantes.

A resistência ao novo e o desejo de manter as tradições da velha cidade colonial, afloraram na escrita de uma das crônicas do romancista, que encarava a demolição do morro do Castelo como a desfiguração da cidade e mesmo um *projeto de loucura*.⁴⁰ Para ele, o que se conseguiria com tal projeto seria a edificação de uma outra cidade,

*“Remodelar o Rio! Mas como? Arrasando morros... Mas não será mais o Rio de Janeiro; será toda outra qualquer cidade que não ele. É o caso de apelar para os ditados. (...) cada louco com a sua mania(...).*⁴¹

O escritor, mais uma vez marcava a sua posição diante das demolições e reordenações do espaço público e chegou a afirmar em uma das crônicas que publicou na imprensa carioca, a sua preferência por um Rio *belo e sujo, esquisito e harmônico*, ao Rio das reformas e dos *boulevards*.⁴²

A tentativa de realizar a higienização e o saneamento da cidade, com as implicações verificadas no cotidiano acabaram, no entanto, por produzir uma atmosfera de desordem e indicam o paradoxo das medidas tomadas em relação à transformação da urbe. A busca pela ordenação transformaria a via pública em verdadeira confusão, com as máquinas e operários que trabalhavam sem cessar, com a obrigação de erigir o novo cenário e concretizar o sonho da cidade civilizada, em acordo com que pareciam desejar os homens do governo. No empreendimento da normatização, o que se via era uma cidade fervilhante, uma agitação, que mais parecia o seu próprio delírio, em meio a tantas novidades.

³⁹ Afonso Henriques de LIMA BARRETO: Diário Íntimo. In: _____: Op. Cit. 2001. P.1253.

⁴⁰ Afonso Henriques de LIMA BARRETO: Coisas do Reino do Jambom. In: _____: Op. Cit. 2001. P. 923.

⁴¹ IDEM.

Ainda no ano de 1920, as propostas de melhoramentos e as obras eram pautas dos principais jornais e revistas. A sensação de alucinação, a qual fez referência Sevcenko, foi captada em uma das crônicas da revista *Careta*, assinada por Lima Barreto, “*Tudo delira e todos nós estamos atacados de megalomania.*”⁴³

2.3. Loucura e exclusão

O cotidiano da cidade começava a ser marcado pelos códigos da ordem e do controle na utilização de seus espaços. É verdade que nem todas as medidas adotadas para a transformação da cidade em um lugar ordenado e disciplinado, foram bem recebidas pela população e nem conseguiram atingir o objetivo principal: converter o Rio de Janeiro numa cidade moderna, de acordo com os maestros das reformas, ou seja, os médicos, as autoridades do governo e engenheiros, que trabalhavam na construção de um novo cenário. A afirmação indica a fragilidade das determinações sanitaristas e indica a complexidade de implementar as medidas médicas na cidade, pois o caráter homogeneizador da reforma esbarrou num conjunto de práticas, saberes e crenças que confrontavam-se com a “*fé inquebrantável no progresso e na cientificidade.*”⁴⁴

Cidade e indivíduo entontecidos diante do turbilhão de circunstâncias novas não escapariam ao olhar atento dos médicos, em especial, ao dos alienistas e não é à toa que a psiquiatria alargaria as fronteiras do que era considerado anormal para os padrões impostos na virada do século XIX para o século XX. A legislação republicana deixaria evidente essa premissa, a partir do momento em que determinava o recolhimento das ruas de qualquer indivíduo que perturbasse a ordem ou ameaçasse a vida de outra pessoa. A medida, no entanto, relaciona-se com a forma como a República tentou concretizar o projeto de reordenação da cidade, ao utilizar como um dos instrumentos de normatização, as explicações e

⁴² Afonso Henriques de LIMA BARRETO: Diário Íntimo. In: _____: Op. Cit. 2001. P.1253.

⁴³ Afonso Henriques de LIMA BARRETO: Coisas do Reino do Jambom. In: _____: Op. Cit. 2001. P. 923.

⁴⁴ Maria Clementina Pereira CUNHA: Prefácio. In: Beatriz Teixeira WEBER: *As artes de curar: Medicina, Religião, Magia e Positivismo na República Rio-Grandense – 1889/1928*. Santa Maria: Editora da UFSM; Bauru: EDUSC, 1999.P.15.

argumentos científicos sustentados pela ciência da época. Tudo aquilo que não pudesse ser identificado com uma sociedade que se pretendia civilizada, devia ser excluído.

“(...) a identidade política entre republicanos e alienista passava pela adoção comum do pensamento positivista que fundamentava uma concepção intensamente elitista e excludente da política e da sociedade.”⁴⁵

Apesar da ligação apontada entre as reformas republicanas e o pensamento alienista, a psiquiatria não deve ser analisada como mero braço opressor e que esteve a serviço das autoritárias medidas republicanas. É preciso destacar que alguns alienistas, como Juliano Moreira, representaram a tradução de uma nova psiquiatria que abarcava preocupações singulares, como o bem-estar daqueles considerados loucos. À luz das concepções do médico Pinel, que afirmava ser a cidadania algo possível de ser estendido ao louco, o psiquiatra brasileiro buscou melhorar as condições dos doentes que sofriam nas instituições asilares, implementando novas perspectivas terapêuticas.

Porém, o discurso excludente alcançava as *multidões de degenerados*⁴⁶, que incluíam prostitutas, mendigos, alcoólatras e os considerados loucos pela psiquiatria no período. Para os alienistas, a cidade aparecia como lugar propício ao desenvolvimento de indivíduos degenerados, que não se identificavam com a nova ordem social que a República buscava implementar, o que tornava o caminho da exclusão inevitável. Mesmo com as inúmeras reformas que a legislação sofreu ao longo dos primeiros anos republicanos, a exclusão ainda seria o ponto central na assistência ao alienado.

“(...) apesar das tendências mais modernas na psiquiatria internacional estarem em processo de questionamento da forma asilar, os objetivos de exclusão social presidiram, numa medida muito forte, a instalação do saber e das instituições psiquiátricas no Brasil, atendendo às necessidades da explosão urbana.”⁴⁷

⁴⁵ Maria Clementina Pereira CUNHA: *Cidadelas da Ordem: A doença mental na República*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990. Páginas 36 e 37.

⁴⁶ IDEM. *Ibidem*. P.27

⁴⁷ Maria Clementina Pereira CUNHA: *O espelho do mundo – Juquery, a história de um asilo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. P. 46.

O confinamento dessa *maré de degenerados*⁴⁸ apoiava-se nas teorias sobre degeneração difundidas pelos alienistas, que atribuíam ao território urbano o estímulo para a produção da loucura. O louco destacava-se sobre “*um fundo formado por um problema de ‘polícia’, referente à ordem dos indivíduos na cidade.*”⁴⁹ A exigência de novas adaptações e a impossibilidade de atendê-las, muitas vezes, culminaria com o internamento no velho casarão da Praia Vermelha.

A relação de causa e efeito entre sociedade civilizada e produção da loucura pode ser observada nas teses defendidas por alguns alienistas brasileiros cujo fundamento teórico é encontrado no trabalho de Esquirol. A civilização em si, de acordo com o alienista francês, não seria responsável pela produção da loucura, os desejos alimentados e gerados pelos progressos da sociedade é que causariam com maior frequência a alienação mental. O ambiente da cidade seria propício ao descontrole das paixões, como o vício do jogo, o álcool, a prostituição e contribuiria para produzir e estimular *paixões factícias*⁵⁰.

*“As paixões artificiais, criadas por necessidades que não estão ligadas à conservação e reprodução da vida, servem para inscrever, na individualidade moral, a ordem civilizada.”*⁵¹

Embora alguns psiquiatras brasileiros defendessem a articulação entre progresso e o desenvolvimento urbano com a produção da loucura, como o fez Silva Peixoto, o doutor Jeferson S. de Lemos contestaria esta associação. Este alienista acreditava que a degenerescência tinha origem no próprio indivíduo e não na sociedade e defendia que “*os males das sociedades modernas (...) não eram causas da degeneração, mas efeitos dela e, por isso, não poderiam ser atribuídos à civilização*”⁵².

Porém, a atitude mais comum, entre os médicos seria relacionar a alienação ao conturbado progresso dos primeiros anos republicanos, o que reforçava a

⁴⁸ Maria Clementina Pereira CUNHA: Op. Cit. 1990. P.28

⁴⁹ Michel de FOUCAULT: *História da loucura na Idade Clássica*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1978. P.63.

⁵⁰ Roberto MACHADO et alii: *Da(n)ação da norma*. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1978. P. 413.

⁵¹ IDEM.

⁵² Magali Gouveia ENGEL: As fronteiras da ‘anormalidade’: psiquiatria e controle social. In: *Revista História Ciências Saúde – Manguinhos*, volume V, nº3, nov.1998-fev.1999. P.551.

crença de que a civilização tornava mais fácil o desvio e os excessos de toda espécie, de acordo com o pensamento de Esquirol.⁵³ Ainda segundo o alienista francês, algumas profissões também poderiam ser responsabilizadas pelo estímulo ou produção da loucura, dentre elas as profissões intelectuais. Cabe destacar, que a associação entre saber e loucura surge enraizada nas afirmações do senso comum, segundo as quais a alienação aparece relacionada ao *excesso* de estudo.

*“A constante reflexão sobre um único tema, a necessidade de maiores estímulos para exercitar os sentidos – que conduz a excessos – predispõe o intelectual à loucura.”*⁵⁴

O próprio Lima Barreto sugere algo neste sentido, através dos comentários feitos pelos personagens criados pelo autor no livro *Triste fim de Policarpo Quaresma*, nos quais os hábitos de leitura do protagonista eram considerados *esquisitos* pelos vizinhos. A associação entre loucura e o trabalho intelectual era expressa tanto por saberes leigos, quanto pela psiquiatria e seria fundamentada cientificamente nos diagnósticos psiquiátricos, em especial no caso das mulheres⁵⁵.

*“Trata-se de uma crença disseminada pelo conjunto da sociedade segundo a qual o estudo excessivo poderia provocar a loucura, principalmente naqueles não preparados para o desempenho intelectual pela ausência de formação acadêmica.”*⁵⁶

A dedicação que mantinha em relação ao trabalho literário e intelectual acentuavam ainda mais as diferenças e a incompreensão por parte daqueles que compunham o meio social em que vivia e inscrevia o romancista, na solidão e naquilo que foi matéria recorrente em sua obra literária, a necessidade de

⁵³ Roberto MACHADO et alii: Op. Cit. 1978. P. 417.

⁵⁴ IDEM. Ibidem. P.414.

⁵⁵ Magali Gouveia ENGEL: *A loucura, o hospício e a psiquiatria em Lima Barreto: críticas e cumplicidades*. Trabalho apresentado no XX Encontro Nacional de História, ANPUH. Niterói: UFF, 2001 (mimeo) P.18. Sobre o assunto ver também, segundo a autora, Maria Clementina Pereira CUNHA: *Loucura, gênero feminino: as mulheres do Juquery na São Paulo do início do século XX*. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo: Marco Zero/ANPUH, agosto/setembro 1989, vol. 9, n.18, pp.121-144.

⁵⁶ Magali Gouveia ENGEL: Op. Cit. 2001 (mimeo) P.18.

reconhecimento de sua literatura, talvez a pior forma de exclusão na ótica do escritor.

A face da exclusão revelada no projeto de instauração de uma *nova ordem* é possível de ser observada também nas práticas terapêuticas da loucura que o romancista Lima Barreto destacou em sua produção literária. Nos livros e crônicas que escreveu chamou atenção para este universo temático e na qualidade de escritor-paciente conseguiu apreender com extrema sensibilidade esse problema de sua contemporaneidade.

Os tratamentos psiquiátricos também acompanhavam os progressos da ciência e das mudanças verificadas, em especial na Capital da República. Foi um período de transformações muito intenso, ainda que na dinâmica interna da sociedade pouca coisa havia modificado. Porém, já não era mais possível caminhar pelas ruas da metrópole sem identificar a cada esquina algo de novo, fosse na moda das elegantes mulheres que passeavam na Avenida, fosse na modificação veloz de convicções e hábitos cotidianos que os personagens da cidade carioca precisavam encenar. Essa *vertigem dos novos tempos*, expressão cunhada por João do Rio foi sentida e percebida de diferentes formas pela população carioca nos primeiros anos republicanos.

O mesmo progresso, tão aclamado por alguns setores da sociedade republicana da antiga Capital, adquiria contorno diferente para grande parte da população e relacionava-se antes com a dor causada pela miséria, pelo preconceito e pela exclusão, presentes em alguns textos do escritor, como o próprio *Diário do hospício*, ou ainda em crônicas como *O médico e o espírita*⁵⁷, na qual Lima Barreto denunciava que as medidas de Saúde Pública só visavam aos pobres.

O escritor concentrou sua narrativa no conturbado cotidiano não só dos que circulavam pelo centro da cidade, mas também dos que se moviam pelo subúrbio e daqueles confinados no próprio hospício. Lima Barreto acaba por construir, desta forma, uma das diversas possibilidades para se apreender o complexo cenário da cidade e os temas que com ela se relacionam e deixavam entrever uma metrópole que parecia ter enlouquecido, e com ela, seus habitantes viviam a vertigem do progresso, a euforia das mudanças e o ritmo alucinante das novidades

⁵⁷ Afonso Henriques de LIMA BARRETO: O médico e o espírita. In: _____: *Feiras e Maífuás*. São Paulo – Rio de Janeiro: Editora Mérito S.A., s.d. P.57.

do tempo, o que configurava um “*novo cenário, uma nova peça e uma nova ética.*”⁵⁸

⁵⁸ Nicolau SEVCENKO: Op. Cit. 1998.